

## **Frida Kahlo: Figurinista de si mesma**

*Frida Kahlo: Costumer of herself*

Natália Bezerra Zerbato  
Faculdade SENAI CETIQT  
n.zerbato@ymail.com

Maya Marx Estarque  
Faculdade SENAI CETIQT  
mayaemarx@gmail.com

### **Resumo**

Frida Kahlo, a pintora mexicana mais famosa da arte contemporânea, ficou conhecida por seus quadros que contrastavam suas dores físicas e psicológicas com a variedade de tons presente na cultura do México. Porém, a pintura não foi a única forma que Frida achou para se expressar. Suas vestes, pertencentes à várias regiões, foram representadas em seus autorretratos relacionando a sua linguagem pictórica com a sua biografia.

**Palavras chaves:** Autorretratos; roupas; biografia.

### **Abstract**

Frida Kahlo, the most famous mexican painter of contemporary art, became known for her paintings that contrasted her physical and psychological pains to the variety of tones present in the culture of Mexico. Nevertheless, painting was not the only way that Frida found to express herself. Her apparel, belonging of various regions, were represented in her self-portraits relating her pictorial language to her biography.

**Keywords:** Self-portraits; clothes; biography.

### **Introdução**

Este artigo é o resultado parcial do trabalho de conclusão do curso de graduação em Produção do Vestuário do SENAI/CETIQT, que recebe o nome de “Frida Kahlo: Figurinista de si mesma”. O que motivou esta pesquisa foi a intenção de registrar as técnicas utilizadas na confecção das peças de vestuário da artista, como a modelagem, os bordados e as referencias étnicas.

Nesse artigo concretamente será abordada a forma como a artista mexicana se expressava através de seu guarda-roupa e de suas pinturas explorando seus estados anímicos.

## **Frida Figurinista**

Conhecida por seus quadros coloridos e cheios de dor, Frida Kahlo é tida como a pintora mexicana mais famosa da arte contemporânea, sendo o início de sua ascensão os anos 40, quando estava viva. Suas pinturas carregam suas dores físicas e psicológicas, contrastando com a variedade de tons presentes na cultura do México. Mas a pintura não foi a única forma que Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón usava para se expressar. Suas vestes foram seu principal meio de comunicação, não só como pintora, mas até mesmo antes de começar sua carreira.

A nossa pesquisa tenta mostrar que essas roupas viriam a ser não só um dos seus principais meios de comunicação, mas também um dos principais elementos para compreensão de seus quadros. Através de seus autorretratos, era possível identificar sua história de vida e seu estado anímico.

Neste trabalho, demonstramos que suas roupas, pertencentes a várias regiões, chamaram atenção em uma época em que as mulheres buscavam mostrar seu desejo de independência através do uso de roupas masculinas. Mesmo também se apropriando desse estilo em alguns momentos de sua vida, Frida se julgava muito mexicana para usar roupas cosmopolitas.

As grandes mudanças no guarda-roupa de Frida começaram com seu casamento, quando optou por um vestido de uma criada indígena ao invés do vestido branco tradicional. Depois de casada, usou roupas de origem europeia, asiática, mexicana e guatemalteca, mas o traje mais usado por ela, e conseqüentemente mais vezes representado em suas obras, foi o traje usado pelas mulheres da região de Tehuantepec, no sul do México.

Durante sua vida, Frida não se expressou somente através da linguagem pictórica, mas também criando um personagem para si mesma, como uma figurinista de sua própria persona. Os motivos que a levaram a escolher cada tipo de roupa em cada ocasião – e em cada quadro – mostram que ela tinha total consciência do poder de sua imagem.

A independência e a falta de vaidade na roupa masculina, o romantismo da Frida europeia e a força da *tehuana* foram representados em seus quadros de acordo com o contexto. Entender os motivos que levaram Frida a usar cada roupa que usou é um dos caminhos para interpretar de forma objetiva a

maioria de seus autorretratos. Suas escolhas estavam diretamente ligadas a sua situação sentimental e psicológica, tornando possível a rápida identificação do tema central desses quadros a partir da roupa retratada.

Para chegar a tais conclusões, foi feito um estudo bibliográfico sobre a artista e assuntos afins, interpretação de autorretratos, fotografias e *looks*, além de pesquisa de campo em Tehuantepec e Oaxaca, de onde vieram boa parte das roupas que Frida usou com maior frequência.

A visitação de museus na Cidade do México com temas afins, incluindo o Museu Frida Kahlo na exposição temporária *Las Apariencias Engañan*, em Novembro de 2012, com as roupas da artista também complementou a pesquisa teórica que será apresentada.

Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón, mais conhecida como Frida Kahlo, nasceu em Coyoacán, na Cidade do México, em 6 de julho de 1907. A menina mexicana teve problemas de saúde desde cedo, o que a impulsionaram a se tornar uma artista considerada por muitos surrealista, mas que retratava principalmente suas próprias dores. Frida começou pintando naturezas mortas e retratos de familiares, mas ficou conhecida principalmente por seus autorretratos, sendo o primeiro de 1926.

A menina debilitada pela poliomielite e depois por um acidente de trânsito que a causou diversas faturas irreversíveis, queria ajudar os pais que estavam passando por dificuldades financeiras – já que com a Revolução Mexicana o emprego de seu pai foi se perdendo junto com a força do governo da época – e adquirir sua independência. Em fotos de família, Frida aparece usando os ternos de seu pai.

...ela se destaca do grupo de seus familiares, todos trajados de maneira convencional, por usar um terno masculino de três peças, incluindo lenço e gravata. Ela assume uma postura viril, com uma das mãos no bolso e outra apoiada em uma bengala. Talvez ela tenha vestido roupas de homem como mera brincadeira ou piada, mas, neste caso, a jovem não é mais uma menina inocente. HERRERA, 2011: 63

Essa Frida, da época da Escola Preparatória, estava tendo os primeiros contatos com sua vida política e, esperançosa, queria de alguma forma ajudar em casa, assim como um “homem” da época. De forma lúdica, as roupas masculinas em Frida mostravam esse desejo, assim como representava a mulher independente. Muitas artistas da época, não só no México, usavam roupas masculinas, o que foi muito comum até a metade do século XX.

As roupas masculinas foram substituídas pelas regionais, não só para agradar o marido, mas porque Frida julgava sua aparência por demais mexicana como para fazer uso de roupas cosmopolitas. Porém, em 1940, após ter se separado de Rivera, triste e sozinha Frida pintou o quadro *Autorretrato de cabelos cortados* na época que cortou os cabelos e voltou a usar roupas masculinas por um tempo.

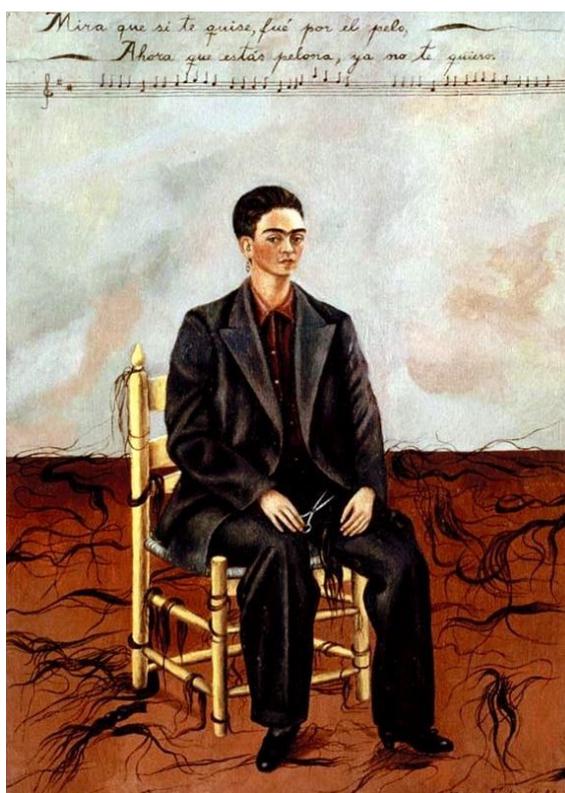


Figura 1. Autorretrato de cabelos cortados. KAHLO, 1940.

Fonte: en.wahooart.com. Acessado em 07/2012

Um clima de retaliação furiosa é expresso em *Autorretrato de cabelos cortados*, em que ela despiu as roupas *tehuanas* que Diego gostava que ela usasse e, em vez disso, veste um sóbrio terno masculino, de tonalidade escura, tão longo que deve ser de Diego. Ela está sentada com as pernas abertas, como um homem, e usa camisa e sapatos de amarrar masculinos. Os brincos são o único vestígio de feminilidade. HERRERA, 2011: 347

A intenção de Frida ao se retratar com roupas masculinas após a separação parece diferente da intenção inicial quando se vestiu com os ternos de seu pai. Ela agora cortava o cabelo e se vestia de homem já que sem seu marido, não precisaria de vaidade. Porém, havia o desejo de independência em vender sua arte para se sustentar sem precisar de seu marido, por mais que continuasse a se encontrar com o mesmo. Foi justamente na década de 40 que teve sua ascensão artística.

Em seu primeiro autorretrato, de 1926, Frida fez justamente o contrário: se rendeu ao amado e a feminilidade através da roupa. O quadro foi feito para o seu namorado da época, Alejandro. A obra mostra uma tendência que seria vista em outros autorretratos da artista: através desses quadros, Frida tentava reconquistar o amor de alguém, seja de um namorado, de um amante, de um familiar ou do marido.

Nesse primeiro, Frida está usando um vestido vinho, talvez de veludo, com brocados na gola e com certa influencia renascentista.

Frida está usando um romântico vestido de veludo cor de vinho, com gola e punhos que parecem ser de brocado dourado. Evitando o estilo 'melindrosa', ela acentua sua feminilidade: dramaticamente, um profundo decote chama a atenção para a pele pálida, o longo pescoço e os seios com mamilos salientes. HERRERA, 2011: 82

Essa tendência romântica expressada através de roupas mais sóbrias e mais europeias aparece em outros autorretratos, como o de 1937 dedicado ao líder russo exilado no México, Leon Trotsky, com o qual Frida teve um caso amoroso.

Essa Frida do quadro usa roupas com tons mais sóbrios, mesmo que com uma saia mexicana e um *rebozo* – uma echarpe muito usada em várias regiões do México. Além disso, carrega flores e uma carta, provavelmente em referencia às cartas que trocava com o revolucionário. O plano de fundo é simples, com cores claras e cortinas brancas, ao contrário de muitos autorretratos onde Frida representa paisagens mais coloridas e até com animais e plantas.

No quadro *Duas Fridas* de 1939, feito na época do divórcio com Diego, a Frida europeia está acompanhada da Frida *tehuana* – característica de Tehuantepec –, já que nessa época a artista começou a se representar acompanhada principalmente de bichos e de outras figuras femininas como artifício para fugir da solidão.

A Frida à esquerda, a que Diego não ama mais, usa um vestido branco vitoriano, com delicados ornamentos no peito e no pescoço e umas poucas flores vermelhas à barra; a Frida à direita veste trajes típicos mexicanos, saia e blusa *tehuanas*, e seu rosto parece um tom mais escuro do que sua companheira espanhola, gradação que sugere a herança dual de Frida – parte índia mexicana e parte europeia. HERRERA, 2011: 338



Figura 2. Duas Fridas. KAHLO, 1939.

Fonte: maiscliquequeblase.blogspot.com.br. Acessado em 05/2012

A Frida romântica, apaixonada por seu marido e sem medo de expressar isso quantas vezes fosse preciso, se sentia abandonada e sozinha, enquanto sua irmã mexicana – referencia às duas nacionalidades já que seu pai era húngaro e sua mãe mexicana de Oaxaca – segura sua mão. Enquanto a romântica sofria – sangrava – o coração da irmã mexicana bombeava sangue para a europeia, com os dois corações ligados por uma artéria. A tesoura na mão da Frida de branco mostra que ela cortou uma das veias, como se quisesse romper seu romantismo – o sangue que circulava em seu coração – mas ao mesmo tempo manter-se íntegra, para isso obteve ajuda de sua irmã *tehuana*.

Claramente, não foi a informalidade boêmia que instigou Frida a usar em seu casamento roupas emprestadas de uma criada indígena. Quando optou por vestir as roupas *tehuanas*, Frida estava escolhendo uma nova identidade (...) Mesmo em menina, para Frida as roupas eram uma espécie de linguagem, e a partir de seu casamento as intrincadas relações entre roupas e autoimagem, e entre estilo pessoal e estilo de pintura, formam uma das tramas secundárias do desenrolar de seu drama. O traje que Frida decidiu adotar era o das mulheres do istmo de Tehuantepec, e as lendas em torno delas sem dúvida informaram sua escolha: as mulheres de Tehuantepec são famosas por serem imponentes, sensuais, inteligentes, corajosas e fortes. Segundo o folclore, vivem em uma sociedade matriarcal, em que as mulheres dirigem os mercados, cuidam das questões fiscais e dominam os homens. HERRERA, 2011: 140

Em sua biografia, a mesma que originou o filme de Julie Taymor – *Frida, 2002* –, há um capítulo dedicado especialmente sobre as roupas étnicas de Frida e seus principais motivos para usá-las de acordo com a personalidade da pintora. Frida possuía roupas étnicas de várias regiões do México e até da Guatemala, mas uma em especial foi mais usada e mais vezes representada em suas obras.

A roupa em questão é a característica de Tehuantepec, no sul do México. As roupas *tehuanas* ganharam mais visibilidade graças a Frida e são conhecidas como “tipicamente mexicanas” no mundo todo.

Enquanto outras artistas e intelectuais da época usavam “terninhos”, Frida usava o conjunto de saia com *huipil*, uma túnica de origem maia que também foi utilizada por outros povos indígenas no México e parte da América Central.

Em seu casamento, ao invés do vestido tradicional branco, usou um vestido *tehuano* que pegou emprestado com uma empregada. Em outras ocasiões formais, continuou fazendo uso do mesmo tipo de roupa, normalmente usado com um arranjo de fitas e flores nos cabelos e os dedos cheios de anéis.

Em outra época me vestia de menino, calças, botas, jaqueta... mas quando fui ver Diego coloquei um traje *tehuano*. Nunca fui a Tehuantepec, nem Diego quis me levar. Não tenho relação com a gente de lá, mas de todos os vestidos mexicanos, o de *tehuana* é o que eu mais gosto e por isso me visto de *tehuana*. ROSENZWEIG, 2007: 33, tradução livre

Segundo a própria Frida, um dos motivos que a levaram a usar o traje foi agradar seu marido que já havia visitado a região, algo comum na época dentro do movimento nacionalista mexicano. Porém Frida só apareceu usando as roupas em público e as representou em seus quadros bem depois do casamento.

Questões físicas também podem ter levado Kahlo a optar pela roupa. As saias *tehuanas* são bem franzidas, com objetivo de aumentar a silhueta da mulher, já que a corpulência é sinônimo de bem-estar para as mulheres daquela região. O *huipil* possui uma modelagem reta que, feito com folgas, não fica tão ajustado ao corpo e também aumenta a silhueta. Em muitas de suas obras Frida se representa como uma mulher frágil, principalmente em relação a seu marido bem maior que ela. Essa fragilidade não vinha de sua silhueta, já que possuía medidas normais das mexicanas da época, mas por sua fragilidade adquirida com as diversas fraturas causadas pela poliomielite e pelo acidente. A roupa *tehuana* escondia essa fragilidade, por aumentar a silhueta de Frida, além de ser uma roupa fácil de ser usada mesmo com os diversos coletes ortopédicos de gesso que a pintora foi obrigada a usar, como um dos procedimentos médicos para tentar, em vão, melhorar sua coluna.

Além desses motivos mais específicos, a imagem da mulher de Tehuantepec tinha muita força naquela época, já que o México passava por uma Revolução e precisava de líderes e imagens nacionalistas. As mulheres *tehuanas* viviam em uma sociedade matriarcal onde tudo era controlado por elas e a roupa, uma das maiores preocupações das mesmas, era instrumento dessa imponência. A silhueta feminina é bem maior que a masculina, tendo a roupa como forma de evidenciar essa característica, inclusive os homens eram bem mais magros que as mulheres, também por serem responsáveis por trabalhos braçais enquanto as mulheres controlavam o comércio. A maioria dos autores costuma assimilar a imagem de Frida somente à roupa *tehuana*, porém ela nunca usou um traje com objetivo de estar vestida como as mulheres do istmo. Ela não queria se fantasiar de *tehuana*, mas escolheu a roupa como artifício para se expressar através de sua imagem pública, criando um figurino para sua própria *persona*.



Figura 3. Meu vestido pendurado ali. KAHLO, 1933.  
Fonte: tallerdeencuentros.blogspot.com.br. Acessado em 01/2013

Um dos autorretratos mais simbólicos da carreira de Frida, principalmente em relação a roupa, é o quadro *Meu Vestido Pendurado Ali*, de 1933. Não há a imagem de Frida, mas o vestido que está no centro do quadro é o representante de sua personalidade, substituindo a imagem da pintora propriamente dita.

Na época Frida acompanhava seu marido em uma viagem aos Estados Unidos e, cansada da vida que estava levando e sentindo falta de seu país, seu traje *tehuano* era símbolo da sua *mexicanidad*, sendo o vestido a coisificação de sua personalidade, artifício que seria usado em outros quadros.

Na obra *Memória*, de 1937, o mesmo vestido aparece do lado direito da Frida com roupas “comuns” e com uma barra atravessada em seu peito. Naquela época, Frida tinha acabado de descobrir a traição de seu marido com sua irmã Cristina. Já ao lado esquerdo, há um cabide com uma roupa de colegial, provavelmente fazendo referência à época que Frida estudava e ia assistir Diego pintar murais em seu colégio.

O vestido das *tehuanas* é um dos maiores atrativos do país; é tão pitoresco e encantador, elegante e fascinante, que alegra o plano e árido panorama com brilhantes tonalidades de cor e silhuetas joviais e agraciadas. Faz com que toda mulher zapoteca seja transformada em uma rainha... De todo o México é o traje regional de maior popularidade e beleza... Para o cidadão comum mexicano, uma *tehuana* é tão romântica e tão atrativa como é uma mulher do Mar do sul para um adolescente americano. COVARRUBIAS, 1946: 304, tradução livre

Depois de 1940, Frida já era uma artista com seus próprios méritos e não era mais apresentada como mulher de Diego Rivera, mesmo que, um ano após a separação, os dois tenham voltado a se casar. A imagem que essa artista independente de seu marido carregou por mais tempo, a mesma que mais representava sua personalidade, foi a das mulheres *tehuanas*.

## **Conclusão**

Após analisar os autorretratos de Frida Kahlo foi possível perceber o paralelismo entre a sua biografia e a sua expressão pictórica. Em seus quadros observa-se o uso de peças de roupa como meio de expressar seus sentimentos. Em sua vida, Frida utilizou as peças de roupa como elementos consistentes de sua criatividade e autoexpressão.

## **Referências bibliográficas**

- ANAWALT, Patricia Rieff. **A história mundial da roupa**. São Paulo: Senac, 2011.
- COVARRUBIAS, Miguel. **Mexico South: The Isthmus of Tehuantepec**. Nova Iorque: Knopf, 1946.
- GLUSKER, Susannah Joel (Ed.). **Avant-garde art and artists in Mexico: Anita Brenner's journals of the roaring twenties**. Austin: University Of Texas Press, 2010.
- HERRERA, Hayden. **Frida: A Biografia**. São Paulo: Globo, 2011.
- KETTENMANN, Andrea. **Kahlo**. Köln: Taschen, 2010.
- MONASTERIO, Pablo Ortiz (Org.). **Frida Kahlo: Suas fotos**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- ROSENZWEIG, Denise; ROSENZWEIG, Magdalena (Ed.). **El ropero de Frida**. Metepec: Zweig, 2007.